



A ESCOLA DO MUNDO AO AVESSO: a questão ético-política e o desafio para o desenvolvimento do gênero humano.

Camila Cristina de Castro Souza¹

RESUMO

O presente artigo é uma proposta de interlocução entre a questão ético-política, tendo por base as elaborações do filósofo Adolpho Sanches Vasquez, e a obra de forte apelo latino-americano, “De pernas pro ar: a escola do mundo ao avesso” de Eduardo Galeano, enquanto expressão do desafio da defesa de direitos humanos na contemporaneidade. Parte-se do pressuposto de que o atual modelo de sociabilidade impõe a necessidade da reflexão ética a qual se consubstancia em uma defesa de valores emancipatórios e atuação política. O desafio de refletir e contribuir para a construção de uma “contraescola”.

Palavras-chave: valores, ética, política.

ABSTRACT

This article is a proposal for an interlocution between the ethical-political issue, based on the elaborations of the philosopher Adolpho Sanches Vasquez, and the strong Latin American appeal, "De pernas pro ar: a escola do mundo ao avesso" by Eduardo Galeano, while expression of the challenge of defending human rights in the contemporary. It is assumed that the current model of sociability imposes the need for ethical reflection which is substantiated in a defense of emancipatory values and political action. The challenge of reflecting and contributing to the construction of a "counterschool".

Key words: Values, Ethics, policy.

1. INTRODUÇÃO

A “escola do mundo ao avesso” é a mais democrática das instituições educativas. Não requer exame de admissão, não cobra matrícula e dita seus cursos, gratuitamente, a todos e em todas as partes, assim na terra como no céu: não é por nada que é filha do sistema que, pela primeira vez na história da humanidade, conquistou o poder universal. “Na escola do mundo ao avesso o chumbo aprende a flutuar e a cortiça a afundar. As cobras aprendem a voar e as nuvens a se arrastar

¹UEMASUL. Mestra em Políticas Públicas (PPGPP-UFMA); contato – camilacastro@mpma.mp.br

PROMOÇÃO



APOIO





pelos caminhos.” Assim Eduardo Galeano (2010) inicia a obra “De pernas pro ar”, demonstrando, ao longo de suas metáforas e vivências metaforizadas, o quanto em um mundo que se encontra ao avesso, são disseminados valores que não tem correspondência com a realidade e com o pleno desenvolvimento da humanidade. Ressalta a reificação, a alienação, a dificuldade de uma ética e consequentemente denuncia uma política que em nada representa o que há de conquista em matéria de direito humano.

Sob a luz da obra de Galeano, o presente artigo propõe uma reflexão sobre moral, ética e política no atual modelo de sociabilidade. Parte-se do mais simples ao mais complexo, do singular ao universal, dos valores e da moral à questão ético-política, enquanto método para pensar a realidade. Diante do exposto, ao recorrermos a Adolpho Vasquez, enquanto base para dialogar com a obra de outros autores, expressa-se uma opção por privilegiar a filosofia enquanto recurso fundamental para os tempos atuais. Pensar a contemporaneidade e analisar as estruturas nas quais estamos submetidos, de certa forma, impõem uma reflexão sobre o que construímos cotidianamente enquanto valores e atitudes, exigindo a todos um olhar ao passado e uma esperança ao futuro. Eis a provocação do presente artigo.

2. “NADAR CONTRA A CORRENTE”: moral e disputa por valores emancipatórios

Se o modo de produzir e se relacionar na atualidade pudesse ser transformado em uma escola, provavelmente teria um programa de estudos condizente com as metáforas da obra de Galeano (2010). A metáfora se apresenta como uma estrutura curricular, a qual inicia com o “Curso básico de injustiça, passando pela “Pedagogia da solidão”, alcançando o “Curso intensivo de incomunicação”, a “contraescola” e o “direito ao delírio”. Diante da metáfora, enquanto palco de contestações, estabeleceu-se um ponto de partida para pensar a inserção em um mundo ao avesso, antes de ser revirado por completo, e as molas que o impulsionam de um lado ao outro.

Inicialmente compreende-se que, historicamente o ser humano age sobre a natureza, sobre os outros humanos e sobre si mesmo. Tais ações compõem um conjunto que podemos denominar de relações sociais. Enquanto os animais se relacionam a partir do instinto, o ser humano, enquanto ser social, passa a construir

PROMOÇÃO

APOIO



PPGPP
30 ANOS

JOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023

CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUIS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA
Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS

mediações que ampliam o seu domínio sobre a natureza e sobre si mesmo. Lukács (1979) define o referido ser social como um complexo de categorias como o trabalho, a linguagem, dentre outras. Para o autor tais categorias são ontológico-sociais, ou seja, modos de ser do ser humano, que não é possível apreender isoladamente, mas apenas no âmbito de uma complexa rede de mediações, postas na totalidade em processo que é o ser social. Assim, embora o indivíduo seja um ser singular e genérico mutuamente, não é através da sua singularidade que se apresenta como um representante do gênero humano e conseqüentemente social:

Não há sociedade sem que estejam em integração os seus membros singulares, assim não há seres sociais singulares (homens e mulheres) isolados, fora do sistema de relações que é a sociedade. O que chamamos sociedade são os modos de existir do ser social; é na sociedade e nos membros que a compõem que o ser social existe: a sociedade, e seus membros, constitui o ser social e dele se constitui" (NETTO e BRAZ, 2006, p. 37).

Considerando as prerrogativas de Netto e Braz (2006) na vida cotidiana, a relação que o indivíduo estabelece com a sociedade é fundamental para que se constitua enquanto ser, e se expressa de modo espontâneo, acrítico, tal qual uma identificação imediata. Cotidianamente nos deparamos com situações que nos provocam e nos obrigam a assumir determinadas posições e apenas a partir dos juízos de valores que realizamos podemos julgar e tomar decisões frente a essas situações. É preciso ressaltar, então, que para fazermos julgamentos de valor, a favor ou não de determinada situação, aprovando ou não os acontecimentos, nos pautamos em códigos morais que são válidos dentro dos limites históricos nos quais o sujeito está inserido. Como explicita Heller:

A presença dos valores na vida social é um fato ontológico inegável. A vida cotidiana é permeada por demandas de caráter ético-moral: todas as ações práticas, desde a sua projeção ideal até o seu resultado objetivo, são mediadas por diferentes valores. "Quando afirmo ou nego, proíbo ou aconselho, amo ou odeio, desejo ou abomino, quando quero obter ou evitar alguma coisa, quando rio, choro, trabalho, descanso, julgo ou tenho remorsos, sou sempre guiado por alguma categoria orientadora de valor, frequentemente mais de uma." (Heller, 1872, p. 58)

Desde a infância, o ser humano encontra-se sujeito a uma influência social que age sobre si através de diversos caminhos aos quais não consegue subtrair-se. Dentre tais podemos mencionar a família, o meio escolar, os costumes e tradições de determinado grupo ao qual pertence, os amigos, os meios de comunicação em massa,

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP
30 ANOSJOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUIS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA
Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS



as leis, entre outros. Sob tal influência que se apresenta de forma variada, vão sendo formadas, aos poucos as primeiras ideias e o comportamento moral do indivíduo. Caracterizamos assim, como aborda Motta (1984), os agentes morais como indivíduos concretos que fazem parte de uma comunidade e seus atos são morais apenas se considerados nas suas relações com os outros. Sendo um ser social, independente do nível de consciência que tenha disso, o seu modo de comportar-se moralmente não pode ter um caráter puramente individual pois como parte de determinada estrutura social está inserido numa rede de relações sociais.

Ainda que uma norma moral possa apresentar um conteúdo diferente em diferentes contextos sociais, pelo próprio fato de que a moral muda historicamente, “sua função social é regular as ações dos indivíduos em suas relações entre si ou com a comunidade” Vasquez (1998). A moral, dessa forma, faz parte de um contrato social, uma forma de estabelecer unidade comum àqueles que se relacionam em sociedade. Nesta necessária e particular relação entre o indivíduo e o coletivo que se consiste o caráter social da moral e tal regulação supramencionada, nesse sentido, têm por objetivo preservar a sociedade como um todo ou, dentro dela, a integridade de um grupo social. Diante do exposto podemos concluir que a moral possui um caráter social porque os indivíduos se sujeitam a normas ou valores socialmente estabelecidos e sua regulação se destina aos atos e relações que provocam consequências para outrem.

Do mesmo modo, Vinagre (2012, p. 168) apregoa que em determinada sociedade existem, a cada conjuntura, distintos códigos morais que podem se contrapor, inclusive entre si, embora pela força da ideologia dominante exista a prevalência de uma moral que corresponde à visão de mundo das classes que detêm o poder econômico, político, social e cultural, e que é introjetada e legitimada a nível social e individual e, portanto, também a nível subjetivo.

Nessa seara, impõe-se um desafio que encontra perfeita analogia com a expressão “nadar contra a corrente”, no que se refere à construção de valores contra-hegemônicos. Estabelecer valores que se contraponham às normas morais vigentes, com o objetivo de disputar narrativa, dentro de uma realidade histórica, se configura como um desafio cotidiano que envolve teoria e prática, ação apenas possível a partir da práxis humana. Assim, se na sociedade capitalista os valores vigentes são o

PROMOÇÃO

APOIO



PPGPP
30 ANOSJOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASILREIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICAFormação da Consciência de
Classe na Luta de HegemoniasCEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS

individualismo, a competição, o hedonismo, a superficialidade, dentre outros, pensar a moral e os valores hegemônicos de determinada sociedade, significa realizar uma suspensão do cotidiano e uma análise crítica da realidade. Se faz importante questionar: os valores vigentes representam que visão de mundo e que forma de viver? Se os valores exaltados nesta formação social não representam o pleno desenvolvimento do gênero humano como um todo, que valores representam? A partir dessa reflexão, que valores acreditamos serem emancipatórios? Chegaremos então ao desafio da ética.

2.1. O ético-político em questão: uma relação necessária.

O debate acerca dos valores nos impõe a necessidade de buscarmos a diferenciação entre a moral e a ética. Segundo Lessa (2005), na sociedade capitalista desenvolvida, a moral e a ética são duas categorias complexas, que exercem papéis antagônicos e complementares nas relações sociais. Em suas funções sociais, determinam práticas capazes de modificar ou reproduzir a sociedade. Por tal complexidade, comumente encontramos uma confusão entre os termos o que nos obriga a buscar, inicialmente, a etimologia dos mesmos. Assim, o termo “ética” é proveniente do grego “ethos” que significa “modo de ser”, e “moral” tem a sua origem no latim, que vem de “mores”, significando costumes. Segundo Vinagre (2012) se diz ação ético-moral àquela em que os sujeitos consideram quais consequências poderão causar aos outros, assumindo a responsabilidade do seu agir. Para elucidarmos melhor tal questão, recorreremos à filosofia e às elaborações de Vasquez (1998, p. 69):

A moral é um sistema de normas, princípios e valores, segundo o qual são regulamentadas as relações mútuas entre os indivíduos ou entre estes e a comunidade, de tal maneira que estas normas, dotadas de um caráter histórico e social, sejam acatadas livre e conscientemente, por uma convicção íntima, e não de uma maneira mecânica, externa ou impessoal.

Ressalta-se que o autor ao explicitar que a aceitação das normas necessita de um caráter livre e consciente, não está necessariamente afirmando que essa atitude é crítica ou reflexiva. Para Vasquez a questão é não estar sob coerção no acatamento dessa moral, sendo para o indivíduo tal sistema de normas se configura em uma identificação em sua relação com a comunidade. Dessa forma, apesar de acatar ao

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP
30 ANOSJOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA
Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS

sistema moral livre e conscientemente, sua atitude é influenciada pelas condições objetivas e relações fundamentais em sociedade. Assim, compreendendo este conceito sobre a moral, Vasquez elabora sobre a ética ressaltando a intrínseca relação desta com a moral:

A ética é a teoria ou ciência do comportamento moral dos homens (...). A ética depara com uma experiência histórico-social no terreno da moral, ou seja, com uma série de práticas morais já em vigor e, partindo delas, procura determinar a essência da moral, (...) as fontes de avaliação moral, a natureza e a função dos juízos morais, os critérios de justificação destes juízos e o princípio que rege a mudança e a sucessão de diferentes sistemas morais. (VASQUEZ, 1998, p. 12)

De acordo com o exposto, considera-se a reflexão ética como fundamental, pois permite indagar criticamente sobre a realidade e sobre o significado dos valores. Tal reflexão proporciona, ainda, colocar em xeque preconceitos e formas de agir que podem não corresponder com as necessidades do presente. É importante ressaltar: a ética é a suspensão do cotidiano, uma resistência à alienação, uma inquietude permanente. Diante de sua importância, a reflexão sobre a moral não pode ser feita de qualquer maneira. Uma reflexão ética exige uma relação com outros sujeitos e suas vivências, assim não se configura como um monólogo subjetivo do sujeito consigo mesmo. É fundamental a presença no outro na construção de nossas reflexões.

Segundo Barroco (2012) as ações morais sempre existiram desde o início da história da humanidade. Já a preocupação em entender essas ações morais, do ponto de vista filosófico, no sentido da decifração do comportamento moral dos homens, só surge com o início da filosofia grega. Com desenvolvimento do mundo moderno, período que tem início no renascimento se consolidando na sociedade industrial, há a ascensão dos conflitos teóricos e científicos que colocam em xeque a concepção teocêntrica do universo. A modernidade, de acordo Barroco (2012), é marcada pela progressiva dominação burguesa, passando a ter o mundo dos valores centrado na liberdade individual e o sujeito singular passando a ocupar um espaço central nos julgamentos de valor. Dessa forma, o caráter coletivo ou transcendente do mundo ético, tal qual existia na Grécia e no mundo antigo, cede lugar à predominância do interesse individual centrado na realização privada, competitividade e felicidade estritamente pessoal.

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP
30 ANOSJOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASILREIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICAFormação da Consciência de
Classe na Luta de HegemoniasCEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS

Como mencionamos, as normas morais correspondem ao período histórico e relações sociais dominantes sob as quais os indivíduos são influenciados, dessa forma com a modernidade temos o enaltecimento da propriedade privada, da destituição do sentido do trabalho transformando-o progressivamente em um mero modo de realização das necessidades pessoais, subtraindo o seu caráter social. Tais fatores rebatem sobre a moral, que no sistema capitalista passa a se configurar como funcional à reprodução da moral e do ethos da classe dominante burguesa.

No “mundo da produção industrial em que temos o desenvolvimento da privatização dos meios de produção, distribuição, consumo e a divisão social e técnica do trabalho” (Netto e Braz, 2006), parece-nos que vivemos em um modelo de sociabilidade em que é cada vez mais ilegítimo exigir a sobreposição dos interesses coletivos sobre os interesses individuais. Assim, como os interesses particulares dos indivíduos entram em contradição com os gerais – que correspondem ao bem da coletividade – passa-se a haver conflitos, os quais precisam ser solucionados de alguma forma para garantir manutenção da ordem societária. Dessa forma, há uma redução no espaço para a reflexão e a ética, passando a reger hegemonicamente um sistema moral para o consenso dentro da contradição própria da formação social

Ressalta-se ainda que a análise que fazemos sobre a modernidade não a reduz apenas na perspectiva do individualismo exacerbado, no qual os homens não se reconhecem como seres da mesma espécie, se estranhando e em vez de desenvolverem formas de compartilhamento, criam formas de sociabilidades fragmentadas, afinal “não há escola que não encontre a sua contra escola” (GALEANO, 2010) e é preciso considerar o surgimento de paradigmas alternativos que buscam valorizar a dimensão coletiva da vida, sem negar a importância da individualidade no mundo dos valores. O próprio materialismo histórico enquanto método de análise da realidade propõe uma ligação orgânica entre ética, história e política.

Os paradigmas supramencionados são expressão da necessidade de que o agir ético se concretize, numa ordem política historicamente constituída, criando um campo de possibilidades de realização dos valores que seja ao mesmo tempo individual e coletivo. Em outras palavras, a construção do indivíduo social impõe a construção de uma ordem social que possa oferecer a verdadeira materialização da

PROMOÇÃO

APOIO



PPGPP
30 ANOSJOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASILREIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICAFormação da Consciência de
Classe na Luta de HegemoniasCEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS

ética, na qual “o livre desenvolvimento de cada um é a condição necessária pra o livre desenvolvimento de todos” (MARX, 1999). Diante disso consideramos que mesmo dentro do atual modelo de sociabilidade existe um espaço para ações em direções diferentes da moral dominante, isto é, na direção da contestação, de constituição de crítica e de adoção de outras práticas, de defesa e busca de realização de outras formas de objetivação moral.

Segundo Netto (1999) em tempos de capitalismo e moral burguesa, como sistema normativo dominante nas relações sociais como um todo, a ética se configura como crítica sistemática à vida cotidiana, em seus aspectos morais, isto é, ao individualismo e egoísmo moral entendidos como valores negativos ao desenvolvimento coletivo, uma vez que “estão calcados na apropriação privada e concentração da riqueza socialmente construída pelo gênero humano”. Assim, no atual modelo de sociabilidade, a ética enquanto práxis humana, se configura como atitude ética e ao ser norteadada por valores emancipatórios, potencialmente tende a assumir a forma de atitude política. Assim podemos pensar a atitude ética no capitalismo enquanto uma questão ético-política.

Originalmente o termo política é derivado do grego antigo “*politeía*”, que indicava todos os procedimentos relativos à pólis. Ao buscarmos o conceito de política nos deparamos com contribuição teórica de Hannah Arendt sobre o tema, tal qual segue:

A política trata da convivência entre diferentes. Os homens se organizam politicamente para certas coisas em comum, essenciais num caos absoluto, a partir do caos absoluto das diferenças. (...) A política organiza, de antemão, as diversidades absolutas de acordo com uma igualdade *relativa* e em contrapartida às diferenças *relativas*. (2004. p. 24)

Dessa forma, a política se constitui como forma de atividade ou de práxis humana orientada ideologicamente para a tomada de decisões de um grupo a fim de alcançar determinados objetivos. Assim, a política exige que o indivíduo encarne uma função coletiva e que sua atuação diga respeito a um interesse comum, assim como a ética. Difere-se da moral neste sentido, pois ainda que as normas morais que regulamentam os atos do indivíduo possuam um caráter coletivo é o indivíduo que deve decidir pessoalmente se as cumpre ou não e assumir a responsabilidade pelo ato ou decisão tomada. A atividade política por sua vez

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP
30 ANOSJOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUIS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA
Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS

ultrapassa este plano pessoal. Diante do exposto, não podemos confundir a moral com a política, nem as colocar em termos de igual significado muito menos pensá-las como duas categorias indiferentes entre si.

Ética e política se encontram intrinsecamente relacionadas partindo da concepção de que a ética não é neutra ou desinteressada, ao contrário, é palco de contestação na busca pelo desenvolvimento do gênero humano. A partir da ética é possível construir mudanças e disputar o código moral vigente. Nesse contexto nem a política pode absorver a moral, nem esta pode ser reduzida à política. Dessa forma há explícita necessidade de que ambas mantenham mútua relação entre si, conservando, ao mesmo tempo, suas características específicas, ou seja, sem que haja por completo a absorção ou exclusão de uma pela outra.

O fato de vivermos sob a égide do sistema econômico e social capitalista nos situa em uma realidade em que seu valor central sob o qual o mesmo se edificou, a liberdade, não seja realizável no cotidiano. Segundo Barroco (2012) paradoxalmente se na cultura esse valor se impôs, na prática ele se revela mais como um objetivo do que uma realidade conquistada. Sabemos ainda que a ordem societária atual limita o exercício da liberdade, valor universalmente aceito e por isso ético, na formalidade dos aspectos jurídicos. Nesse sentido, cumpre questionar:

Será esta liberdade, a liberdade de escolher entre ameaçadores infortúnios, nossa única liberdade possível? O mundo ao avesso nos ensina a padecer a realidade ao invés de transformá-la, a esquecer o passado ao invés de escutá-lo e a aceitar o futuro ao invés de imaginá-lo: assim pratica o crime, assim o recomenda. Em sua escola, escola do crime, são obrigatórias as aulas de impotência, amnésia e resignação. Mas está visto que não há desgraça sem graça, nem cara que não tenha sua coroa, nem desalento que não busque seu alento. Nem tampouco há escola que não encontre sua contraescola. (GALEANO, 2010, p.16)

Nessa seara, outro aspecto a ser considerado é a contradição imanente ao atual modelo societário: “a produção da riqueza social e humana se apresenta diretamente proporcional à miséria material e espiritual coletiva, constituindo uma sociedade em que se atinge a liberdade de uns a partir da exploração de outros” (Bonetti, 1998). A contradição que se expressa no fato de que o mais alto desenvolvimento das forças produtivas coincide com a ampla miséria das populações.

Tais fatores acabam por conferir à reflexão ética um significado especial na atualidade: é preciso ir para além do desvendamento dos fundamentos da moral

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP
30 ANOSJOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA
Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS



contemporânea, com seus valores de individualismo, competição, dentre outros, e suas contradições na sociedade. É importante detectar na realidade as possibilidades de constituição de novos valores que tenham como horizonte o desenvolvimento do gênero humano. Com a crise dos modelos alternativos de sociabilidade no último século e com a disseminação do fatalismo, consequentemente alimentou-se no ideário coletivo a ideia de que é impossível a universalização de uma ética objetivadora de valores emancipatórios, pois a própria emancipação se mostrou impossível. Nesse sentido, faz-se necessário um comportamento ético-político no sentido da emancipação, levando em consideração prioritariamente aqueles que estão aquém do mínimo do que é considerado digno e humano nesta sociedade, pois se uma pessoa não é livre, não existe liberdade de fato. Tal opção pela emancipação só se mostra possível estabelecendo uma relação entre a questão ético-política e o desafio de defender valores e direitos humanos na atualidade.

De fato, a desesperança se torna arma para a violação dos direitos. Se não há espaço para a ética, não há espaço para considerar o outro humano e muito menos para defender que possa ter os mesmos direitos. Assim, a política toma outra forma e apesar de explícitos os limites da sociedade capitalista, é preciso afirmar que se por um lado estes se configuram como entraves à plena materialização da universalização dos valores éticos, por outro não significam a impossibilidade para uma realização parcial dos mesmos (Barroco, 2010). Parafraseando Eduardo Galeano, a relação entre ética e política tendo como objetivo a emancipação humana, encontra-se na literatura uma analogia justa:

A utopia está lá no horizonte. Me aproximo dois passos, ela se afasta dois passos. Caminho dez passos e o horizonte corre dez passos. Por mais que eu caminhe, jamais alcançarei. Para que serve a utopia? Serve para isso: para que eu não deixe de caminhar. (1995, p. 148)

Vinagre (2012) oferece complemento aos versos de Galeano afirmando que é preciso alimentar as utopias e os sonhos, porém é fundamental engendrar mecanismos que possibilitem realizá-los efetivamente para que sejam expressão, no seu conteúdo, da realidade viva. Sob o fértil terreno sobre o qual Galeano planta suas palavras latino-americanas de resistência com sutileza, bem como a reflexão da autora supracitada, expressa-se um desafio de estabelecer conexão entre a realidade vivida e a realidade retratada, seja através do diálogo, seja através da arte. Enquanto

PROMOÇÃO



APOIO

suspensão do cotidiano, a literatura encontra nesse espaço uma forma de provocar reflexão sobre a moral e construir disputa por valores que se encontram no horizonte. Para que serve a utopia? Para que serve a ética? Para que servimos todos?

3. NÃO HÁ AVESSE QUE NÃO SE REVIRE: Reflexão para a construção de uma “contraescola”

Barroco (2010) ressalta que o discernimento que o indivíduo tem entre bem e mal e sua capacidade de considerar as consequências que seus atos podem ter em relação a outro indivíduo, constitui o que chamamos de consciência moral. Dizemos então que a consciência é uma exigência para o agir moral, na medida em que o indivíduo deve ter um mínimo de participação consciente nas escolhas de valor que realiza.

Exige-se então, que o sujeito, disponha da necessária margem individual para poder decidir e agir, mesmo sendo condicionado socialmente. Apenas satisfazendo tal condição podemos dizer que o indivíduo se comporta moralmente. Assim, considera-se o sujeito que se comporta moralmente como uma pessoa singular e por mais fortes que sejam os elementos coletivos, a decisão e ato consequente da mesma, emanam da liberdade de escolha, assumindo uma responsabilidade social pelo ato (Vasquez, 1998). É nesse contexto que agem os que são motivados e orientados pelos valores do dinheiro e da ganância. Sem correspondência com as necessidades da comunidade e com o desenvolvimento humano, são amparados por uma moral burguesa que lhes premia:

Castiga-se embaixo o que se recompensa em cima. O roubo pequeno é delito contra a propriedade, o roubo grande é direito dos proprietários. Os políticos sem escrúpulos não fazem outra coisa senão agir de acordo com as regras do jogo de um sistema onde o êxito justifica os meios que o tornam possível, por mais sujos que sejam: as trapas contra o fisco e contra o próximo, a falsificação de balanços, a evasão de capitais, a quebra de empresas, a invenção de sociedades anônimas de ficção, os subfaturamentos, os superfaturamentos, as comissões fraudulentas. (GALEANO, 2010, p. 142)

Ao lado oposto da coletividade imposta nas sociedades primitivas, atualmente, no bojo das contradições da sociedade capitalista, observamos uma tendência a fazer do indivíduo o suporte ou personificação do sistema vigente, a partir do fomento ao individualismo exacerbado. Netto (1992) expõe que nesse contexto, os indivíduos

PROMOÇÃO

APOIO



PPGPP
30 ANOSJOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA
Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS

assumem a condição de conservadores da estrutura social mantendo o sistema econômico/político/social em vigor, uma vez que suas decisões, comportamento e desenvolvimento individual não tem por intenção direta o desenvolvimento da comunidade. São os modelos do êxito:

O mundo ao avesso gratifica o avesso: despreza a honestidade, castiga o trabalho, recompensa a falta de escrúpulos e alimenta o canibalismo. Seus mestres caluniam a natureza: a injustiça, dizem, é lei natural. Milton Friedman, um dos membros mais conceituados do corpo docente, fala da “taxa natural de desemprego”. Por lei natural, garantem Richard Herrnstein e Charles Murray, os negros estão nos mais baixos degraus da escala social. Para explicar o êxito de seus negócios, John Rockefeller costumava dizer que a natureza recompensa os mais aptos e castiga os inúteis. Mais de um século depois, muitos donos do mundo continuam acreditando que Charles Darwin escreveu seus livros para lhes prenunciar a glória. (GALEANO, 2010,p. 14)

E na era das privatizações e do mercado livre, na qual os valores emancipatórios relacionados ao trabalho, à liberdade, à solidariedade são negados cotidianamente, o fazer ético encontra limites cada vez mais acirrados. O “mundo ao avesso” tem como centro valorativo o lucro e o individualismo, e a precarização da vida, traduzida em rotinas sem tempo livre ou existências repletas de necessidades, modos de viver que limitam as possibilidades de suspensão do cotidiano e reflexão sobre as normas sob as quais estão submetidos. Galeano (2010, p. 16) anuncia, “Quem não é prisioneiro da necessidade é prisioneiro do medo: uns não dormem por causa da ânsia de ter o que não têm, outros não dormem por causa do pânico de perder o que têm”, ao tempo que “estamos condenados a morrer de fome, a morrer de medo ou a morrer de tédio” (idem, ibidem). Reifica-se a cidadania e transmuta todos e qualquer direito em relações de consumo. Assim, legitima-se uma descartabilidade das pessoas e dos recursos disponíveis à mão:

Os donos do mundo usam o mundo como se ele fosse descartável: uma mercadoria de vida efêmera, que se esgota como se esgotam, logo depois de aparecer, as imagens que a televisão dispara como uma metralha, e como se esgotam também as modas e os ídolos que a publicidade, sem trégua, lança no mercado. Mas para que mundo vamos nos mudar? Estamos todos obrigados a acreditar na história de que Deus vendeu o planeta a umas quantas empresas porque, estando de mau humor, resolveu privatizar o universo? A sociedade de consumo é uma arapuca para bobos. Os que puxam os cordéis fingem ignorar, mas qualquer um que tenha olhos pode ver que a grande maioria das pessoas consome necessariamente pouco, pouquinho ou nada, para que se garanta a existência da pouca natureza que nos resta. A injustiça social não é um erro a corrigir, um defeito a superar: é uma necessidade essencial. (GALEANO, 2010, p. 250)

PROMOÇÃO



APOIO

PPGPP
30 ANOSJOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA
Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS



Chega-se a um ponto em que é fundamental reconhecer a necessidade de superar a injustiça social. Uma necessidade essencial para a preservação da humanidade enquanto gênero e da natureza enquanto vida que é parte da vida de todos. Galeano (2010) constrói uma narrativa que ao denunciar a exploração desmedida da terra e dos homens, dá ênfase a como a mídia e os demais aparelhos de manutenção da ordem social fomentam valores “ao avesso”. É a partir do consenso fabricado, da alienação dos povos, que os indivíduos deixam de se reconhecer enquanto ser coletivo, superdimensionando a esfera individual. Dessa forma, a meritocracia em uma terra de injustiça, justifica o poder de poucos sobre muitos e a disputa de uns entre os outros obstaculariza uma união que tenha por objetivo a destruição de suas amarras morais. Na “escola do mundo ao avesso”, aqueles que têm os olhos abertos, nadando contra a corrente, reprovando nas matérias de racismo, machismo e demais opressões, encontram o desafio de ganhar corações e mentes para os valores que possam proporcionar vida e emancipação para todos.

É diante de “De pernas pro ar” que a necessidade de um refletir ético e atuação ético-política se mostra fundamental. Em um solo de disputas cotidianas, a questão ético-política, enquanto atividade humana perpassa por uma concepção de política que em nada tem a ver com um “mundo ao avesso”. Vasquez (1998. p.g 76) ressalta “A política inclui também a atividade das classes ou dos grupos sociais através das suas organizações específicas orientada para consolidar, desenvolver, derrubar ou transformar o regime político-social existente”. Nesse contexto é importante destacar, que toda forma de organização social e política se sustenta em um sistema de ideias que a mantém. Assim transformar o que está dado, em uma escola da moral e dos valores para a destruição de muitos em detrimento de poucos, a tarefa não é outra além do empenho na construção de uma “contraescola”.

O poder dos sequestradores segundo o dicionário, sequestrar significa “reter indevidamente uma pessoa para exigir dinheiro pelo seu resgate”. O delito é duramente castigado em todos os códigos penais, mas a ninguém ocorreria mandar prender o grande capital financeiro, que converte em reféns muitos países do mundo e, com alegre impunidade, cobra-lhes, dia após dia, fabulosos resgates. (GALEANO, 2010, p.143)

A “contraescola”, que só pode nascer de luta, ao ter como horizonte uma forma de viver em que a todos possam se desenvolver livremente de forma ética, tem o desafio de romper com a permissão dos sequestros do dinheiro e da alma. Por

PROMOÇÃO

APOIO



PPGPP
30 ANOSJOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA
Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS



liberdade, eis o desafio da ética, eis o desafio para os que bebem na fonte dos estudos e da literatura de Galeano e Vasquez.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Caminhar é um perigo e respirar é uma façanha nas grandes cidades do mundo ao avesso” (GALEANO, 2010, p.16). É a partir da necessidade de transformar façanha em liberdade, que os apontamentos realizados neste trabalho trazem consigo a potencialidade para fomentar o debate sobre a ética e suas possibilidades de existência no contexto de uma sociedade estruturada na exploração do capital sobre o trabalho e coisificação dos homens. Nesse sentido, a compreensão da questão ético-político em uma conjuntura de aprofundamento da exploração e opressão na sociedade atual, encontra na literatura e na arte em geral, sua narrativa, e carregado de significado, oferece uma suspensão do cotidiano e possibilidade de refletir sobre o chão em que pisamos.

Consideramos ainda que as reflexões, debates e considerações sobre a relação entre ética e política, bem como no que se refere à moral da classe dominante e seus rebatimentos sobre o modo de viver e de se reproduzir dos seres humanos, se configuram como solo fértil para uma atitude coletiva na direção do desenvolvimento humano.

Diante da complexidade do tema, não compete realizar apontamentos conclusivos, mas reforçar a importância do aprofundamento das discussões sobre a ética e o desenvolvimento da dimensão ético-política para o ser social. Dessa forma, sem o objetivo de finalizar o debate proposto neste artigo, espera-se que o presente texto possa contribuir para possíveis reflexões, aprofundamentos corroborações ou refutações em relação ao exposto. Espera-se ainda que, independente dessa produção tímida e preliminar, o debate sobre a questão ético-política ressurgirá cada vez mais forte e inquietante, arrastando corações e mentes de estudantes e profissionais para a complexa luta cotidiana que não se apresenta facilmente aos nossos olhos. Da aparência para a essência, que não falte oxigênio e solidariedade até que a “contraescola” possa se tornar a escola de todos.

PROMOÇÃO



APOIO



REFERÊNCIAS

ARENDDT, Hannah. **O que é Política?** Rio de Janeiro: Bertrand, 2004.

BARROCO, Maria Lúcia Silva. **Ética: fundamentos sócio-históricos**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

_____, Maria Lúcia Silva; TERRA, Sylvia Helena. **Código de Ética do/a Assistente Social comentado**. São Paulo: Cortez, 2012.

BONETTI, Dilsea Adeodata et al. **Serviço social e ética: convite a uma nova práxis**. 2. ed. São Paulo: Cortez; CFESS, 1998

CONH, Gabriel. Weber: **sociologia**. São Paulo: Ática, 1997, p. 30.

GALEANO, Eduardo. **O Livro dos Abraços**. Porto Alegre: L&PM, 1995.

_____, **De pernas pro ar: a escola do mundo ao avesso**; Porto Alegre: L&PM, 2010.

HELLER, Agnes. **O cotidiano e a história**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1972.

LESSA, Sergio. Ética, Política e Serviço Social. In: **Revista Katalysis**. v. 8. n. 2. p. 256-266. Florianópolis: UFSC, 2005.

LUKÁCS, György. **Ontologia do Ser Social: os princípios ontológicos fundamentais de Marx**. São Paulo: Livraria Editora Ciências Humanas, 1979.

_____, G. **O jovem Marx e outros escritos filosóficos**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2007.

MOTTA, Nair de Souza. **Ética e vida profissional**. Rio de Janeiro: Âmbito Cultural, 1984.

NETTO, José Paulo. **Capitalismo Monopolista e Serviço Social**. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 1992

_____, José Paulo. A construção do projeto ético-político contemporâneo. In: **Capacitação em Serviço Social e Política Social**. Módulo 1. Brasília: CEAD/ABEPSS/CFESS, 1999.

_____, José Paulo; BRAZ, Marcelo. **Economia política: uma introdução crítica**. São Paulo: Cortez, 2006.

RAMOS, Fábio Pestana. **A evolução conceitual da ética**. In: Para entender a história. ISSN 2179-4111. Ano 3, Vol. mar., Série 10/03, 2012. p.01-12

VÁSQUEZ, Adolfo Sánchez. **Ética**. 18 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998.

VINAGRE, Marlise. Ética Profissional: por uma ampliação conceitual e política. In: BONETTI, Dilsea Adeodata et al (org.). **Serviço Social e Ética**. 13 ed. São Paulo: Cortez, 2012. p. 167-176.

PROMOÇÃO



APOIO